

QUILOMBO BOA HORA: LEITURA E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

Darliane Cristina Bezerra Figueiredo

Universidade Federal do Maranhão- UFMA. Faculdade Atenas Maranhense- FAMA.

<https://orcid.org/0009-0002-3368-9820>

E-mail: darliane23crisne@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N2-16>

RESUMO: Trabalho sobre a importância da leitura na afirmação da identidade quilombola no quilombos Boa Hora. Abordando primeiramente o conceito de quilombo, ressaltando de forma sucinta sua história, identidades e resistência em seus aspectos gerais. Inicia-se enfatizando as contribuições deste povo na formação da cultura brasileira. Apresenta-se um balanço das novas concepções da leitura, abordando a ideia arcaica que este ato de ler se limita na decodificação de símbolos. Define os fatores que influenciam na afirmação da identidade quilombola, entre os quais, destaca-se, família, escola, professor e comunidade, realizando uma reflexão dos papéis destes segmentos no incentivo da valorização da identidade quilombola.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo. Leitura. Afirmação da Identidade Quilombola.

QUILOMBO BOA HORA: READING AND AFFIRMATION OF QUILOMBOLA IDENTITY

ABSTRACT: This paper discusses the importance of reading in the affirmation of quilombola identity in the Boa Hora quilombos. It first addresses the concept of quilombo, briefly highlighting its history, identities and resistance in general terms. It begins by emphasizing the contribution of this people to the formation of Brazilian culture. It presents an overview of new concepts of reading, addressing the archaic idea that this act of reading is limited to the decoding of symbols. It defines the factors that influence the affirmation of quilombola identity, among which the most important are family, school, teacher and community, reflecting on the roles of these segments in encouraging the appreciation of quilombola identity.

KEYWORDS: Quilombo. Reading. Affirmation of Quilombola Identity.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe fazer uma reflexão sobre a importância da leitura no processo de afirmação da identidade quilombola como forma de valorização da cultura afrodescendente. Além de objetivar um novo tratamento pedagógico, globalizado e interdisciplinar das questões étnicos raciais, vindo a favorecer o reconhecimento das diferenças, da necessidade de inclusão e autonomia do educando moradores do quilombo Boa Hora.

A priori, deve-se ressaltar que a desigualdade étnico-racial se faz presente nos diversos espaços que integram a sociedade, se manifestando, inclusive, nos espaços educacionais. Por isso, a importância de abordar o papel da herança africana e do afrodescendente na construção da identidade étnico-racial e da sociedade brasileira, onde se faz presente nas línguas, na religião de matriz africana e na diversidade de manifestações culturais.

No processo de afirmação da identidade quilombola a leitura torna-se um elemento importantíssimo, principalmente no mundo contemporâneo e preconceituoso em que vivemos, assim, considera-se uma ferramenta fundamental na passagem aos mais diversos saberes. Portanto, é um instrumento de prática de transformação da sociedade e de participação efetiva do sujeito, uma vez que este interage no contexto social, esta afirmação também deve também ser a adquirida na interação do meio familiar, escolar e social.

Consolidando-se como um assunto de poucas pesquisas, o campo da educação quilombola cada vez mais está ganhando destaque no meio educacional. Enfatizando sua importância em todo processo educativo do sujeito. Seu reconhecimento deu-se a partir da Lei 10.639/2003 que obriga a inclusão de conteúdos da história e da cultura afro e brasileira nas disciplinas de História, Língua Portuguesa e de Artes na escola, no entanto, lei por si só não garante resultado caso não seja cumprida de forma eficiente com estratégias que possibilitam maior acesso aos materiais que de fato fale da cultura africana e suas influências na formação cultural brasileira. Em suma, o ato de educar precisa ser uma ação afirmativa e crítica. Com profissionais bem-informados sobre a diversidade cultural e contribuir para uma sociedade mais justa e democrática.

No que tange ao trabalho com leitura exige-se dos educadores uma maior sensibilidade e capacidade profissional para intervir no cotidiano dos educados, já que esta é carregada de especificidades devido as dificuldades econômicas, sociais e educacional. Nesse sentido é importante se pensar na produtividade de um trabalho, que possibilita um aumento da consciência crítica em relação à afirmação da identidade quilombola, aliada ao incentivo da leitura.

Com base em pesquisas bibliográficas – livros e artigos científicos – percebe-se a

necessidade de novos olhares e novas práticas para a educação quilombola. Portanto, essa pesquisa objetiva conhecer e avaliar as dificuldades em entender a identidade quilombola, de superar as práticas racistas e discriminatória e valorizar sua cultura.

QUILOMBOS: HISTÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA.

Após longa travessia pelo atlântico, os africanos forçosamente trazidos para a nova terra foram durante quase três séculos cruelmente explorados. Entre meados do século XVI e 1850, foram traficados para o Brasil em torno de quatro milhões de escravizados, entre congos, angolas, benguelas, cassange, minas e outros indivíduos vindos dos mais diversos grupos étnicos, vilas, cidades e regiões do continente africano. Tiveram, obrigatoriamente, que servir a exaustão suas energias na lavoura, criação de animais, trabalho urbano nas cidades ou, no caso de algumas mulheres, na casa grande, como arrumadeiras, cozinheiras, babás ou ainda, para “desfrute do sinhô”.

Bem, e se diverso era o destino dado aos negros, deferente também eram suas origens. Entretanto, indignados com tantos maus tratos e principalmente pela triste primazia da importação forçada de seres humanos e a mão de obra escravizada que visava atender aos interesses de Portugal. Iniciou-se a resistência travada pelos africanos e descendentes pelas tentativas desesperadas de fuga, em busca da liberdade.

Existem uma diversidade de conceito de Quilombo, dos quais podemos destacar o de rei de Portugal que em 1740, o Conselho Ultramarino fez da seguinte definição de quilombo: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”... Esta visão se perpetuou até os anos 70, passando ser entendido como uma complexa rede social de grandes proporções em várias regiões do país, caracterizando como movimentos social.

Ultramarino, Almeida (1999:14-15) mostra que aquela definição se constitui basicamente de cinco elementos:

- 1) a fuga; 2) uma quantidade mínima de fugidos; 3) o isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma natureza selvagem. que da chamada civilização; 4) moradia habitual, referida no termo .rancho; 5) autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz. Para ele, com os instrumentos da observação etnográfica

Os quilombos foram se espalhando por todos os contos do Brasil constituíram não a única, porém a mais representativa forma de luta contra a escravidão. Povoados por negros, os quilombos eram também habitados por indígenas e brancos pobres, o que nos permite acreditar que suas redes de relações eram bem mais dinâmicas do que se parece.

Eram espaços idealizados, implantados e controlados pelos negros “na marra”. E não eram somente se concretizaram como espaço físico de sobrevivência, mas, de resistência, também econômica e cultural ao colonizador. Contudo, é preciso lembrar que a resistência negra à opressão extrapolou os espaços dos quilombolas e se solidificou também por toda a sociedade de então.

Cabe ressaltar que, no Brasil, de acordo com os critérios coloniais, para que um espaço fosse considerado quilombo, era preciso que este reunisse, no mínimo, cinco escravos fugidos. Para entender os significados dos quilombos, é preciso compreender a história dos africanos antes de sua travessia pelo Atlântico. Já na África, Kilombo era o nome dado a uma sociedade guerreira, com organização militar bastante rígida e eficaz.

A formação dos quilombos se deu como uma forma coletiva e organizada de rebeldia por parte dos negros escravos, que não se conformaram com sua situação e desejavam a liberdade. Os primeiros apareceram na Bahia já no final do século XVI, período em que a implantação do trabalho escravo no Brasil ainda estava no início. Com o grande aumento do tráfico de escravo para o Brasil, cresceu também o número de fugas de negros. Eles procuravam se refugiar em locais de difícil acesso, sertão adentro, e lá formavam mocambos, um conjunto de casas. O conjunto de mocambos era chamado quilombos. Cada quilombos tinha um chefe militar, denominado Zumbir e os habitantes eram os quilombolas.

Ressaltando que de início, os quilombos asseguravam a sua sobrevivência saqueando depósitos de alimentos e feiras, praticando assaltos e engenhos e fazendas. Ao longo do tempo constituíram-se comunidades em pequenos vilarejos e que realizavam atividades agrícolas.

Eles trabalhavam pela própria subsistência: cultivavam lavouras, caçavam, faziam artesanatos e até chegavam a praticar transações comerciais para conseguirem ferramentas e tecidos. Ou seja, os quilombos eram muito mais que uma forma de se

rebelar contra esse sistema, era onde os negros se escondiam e se isolavam do restante da população. No entanto, a existência de quilombo constituía uma grave ameaça para a continuidade da colonização baseada na escravidão.

Algumas dessas comunidades também chamadas de “terras de preto” e “mocambo”, são, hoje, na verdade, locais habitados por segmentos da população brasileira, marcados pela resistência, organização, vivência comunitária, isolamento e conservação. Muitas mantêm tradições africanas na formação, organização e composição. Mas na atualidade muitos deles vivem constantemente ameaçados de expulsão de suas terras, sofrendo com serviços precários de educação, moradia, saúde e moradia.

À medida que a história brasileira foi se modificando, os quilombos também tiveram sua estrutura e formação modificadas. Nas últimas décadas, diversos segmentos da sociedade civil, movimentos sociais, órgãos governamentais e não governamentais têm-se mobilizado em torno do reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos ou mucambos. Ainda que seja pouco conhecida por grande parte dos brasileiros, estima-se que existe mais de mil comunidades quilombolas, vivendo em pelos menos 18 estados brasileiros.

Após de 1850, com a “extinção” no papel do tráfico negreiro, passaram a ser os crioulos os principais articuladores e lideranças dos quilombos que se constituíram por todos os cantos do país.

Dentre as centenas de quilombos edificados no país, o mais famoso foi o de Palmares, localizado na Serra da Barriga, em Alagoas. Considerado por muitos especialistas um estado africano no Brasil, Palmares nasceu no início do século XVII e se manteve até 1695. Possuía uma complexa organização territorial, militar e administrativa. Macacos era sua capital. Além disso, dividia-se em inúmeros mocambos, cada qual com sua própria estrutura organizativa, dentre eles aqueles chamado de Acotirene, provavelmente o nome da mãe de Zumbir.

Em 1630 quando ganhou grandes proporções, chegou a contar com mais de 20 mil escravos fugidos. E passaram a estabelecer acordos comerciais com alguns produtores brancos.

Cada africano, ao vir para o Brasil, guardou dentro de si a memória do lugar de onde veio. Assim, ao trazerem as suas lembranças e crenças, puderam construir no território brasileiro belas histórias coletivas e pessoais e esses elementos foram cruciais para construção de identidade negra no Brasil. O escravo não perdia o desejo de liberdade, necessidade própria a condição humana, e na luta para recusar a condição de escravo sua única alternativa era fugir ou se suicidar.

Os diversos povos africanos que vieram trabalhar no Brasil trouxeram consigo seus costumes línguas, deuses, crenças e valores. Estacando inúmeras contribuições africanas na formação das culturas do continente americano. Considerando que para Rodrigues (2012, p. 61) “A identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do “outro” para ele”. Endente-se que o processo identitário pode se dá de forma individual ou coletiva, o que também pode gerar conflitos na escolha da forma predominante de socialização. De acordo com Gonçalves (2003, p. 379):

A construção de uma identidade coletiva é possível não só devido às condições sociais de vida semelhantes, mas também por serem percebidas como interessantes e, por isso, é uma construção e não uma inevitabilidade histórica ou natural. E, mais, na afirmação dessa identidade coletiva há uma luta intensa por afirmar os „modos de percepção legítima“ da (di)visão social, da (di)visão do espaço, da (di)visão do tempo da divisão da natureza.

A identidade do negro infelizmente está atrelada a vários sentimentos contraditórios, dentre eles: rejeição, negação, dor, aceitação, sofrimento, felicidade e resistência. É necessário o novo olhar para esta identidade, que exalte também o negro como construtor da história da sociedade brasileira, e principalmente da cultura deste país. Desmistificar essa visão do corpo negro como mercadoria, mas compreender o corpo do negro como instrumentos de construção de identidades. Por mais que o negro teve seu corpo vendido, emprestado, alugado, violentado e até hipotecado, é preciso refletir a situação vivida pelo negro e desconstruir esse olhar com um único viés, que inculca na sociedade atual e até mesmo no negro, uma visão distorcida em relação a si próprio, da sua comunidade e contribui para introjeção do racismo na sociedade.

Diante das teorias raciais ao longo do século XIX, defendida por intelectuais como: Darwir, Gobineau, Lombroso e o brasileiro Nina Rodrigues, que defendiam a ideia

de raças biologicamente determinadas, justificada por uma falsa escala evolutiva, sustentada por uma hierarquia de características físicas e biológicas das teorias raciais. Cabendo aos negros aceitarem uma imagem relacionada a demônios bíblicos, mercadoria, feiura e sujeira. Os brancos eram superiores por causa da pele, cabelos louros e olhos azuis, tornando-se referência de beleza no mundo ocidental.

Daí surge à desvalorização e inferioridade do negro e um incentivo ao racismo. Em contrapartida, a escola como instituição que visa o desenvolvimento do intelecto e construção da cidadania, precisa adquirir como tarefa complexa de refletir tais situações e construir estratégias e práticas pedagógicas que busque uma transformação do olhar racista e preconceituoso para com o negro e ajude na construção no processo de construção da identidade do negro.

O desprezo pelos elementos da cultura negra está presente desde período colonial no Brasil, ideia que se perpetuou por muitos séculos em que era sustentado “a impossibilidade dos negros de terem acesso ao mundo das ideias [...] não ter acesso ao conhecimento científico, continuando a repetir as ideologias racistas” (Bernd, 1988, p. 14). Todas essas ideias absurdas foram fundamentando o racismo e o pré-conceito, causando um sentimento de inferioridade no psicológico do negro que chega a negar sua identidade ou ter vergonha e revolta por ser negro.

Afirmção da identidade seria então, uma construção de uma nova identidade negra, baseada em ideais positivos; negando esse padrão cultural imposto pelos dominantes; valorizando suas raízes e heranças culturais; superar a opressão e omissão; desmistificar falsas ideologias; lutar por efetivações dos seus direitos e por novas políticas públicas para os negros.

IDENTIDADES QUILOMBOLA

Os africanos eram possuidores de uma cultura riquíssima que para historiadores como João José Reis “essa cultura da diáspora negra, essa cultura dos africanos saídos do continente, caracterizada pelo otimismo, pela coragem, musicalidade e ousadia estética e política, foi incomparável no contexto da chamada Civilização Ocidental”. Todas essas manifestações eram formas de superar a vida difícil em terras americanas, pois os negros

precisavam lutar para sobreviver, e sua cultura era uma expressão de liberdade e fundamental na luta de escravos. Lutavam pela defesa da família, pelo acesso à terra e pela própria liberdade, realizavam reuniões festivas, religiosas e de reivindicação.

A Identidade afro-brasileira tem a ver com os valores, culturas e tradições herdadas dos ancestrais e passadas de geração para geração. Esta identidade é construída através da religiosidade, manifestações artísticas, culturais e restabelecidas de acordo com a realidade ou contexto atual. E cada lugar do mundo apresenta uma identidade única, dando origem a diversidade de identidades (Freitas, 2010).

A nossa identidade brasileira, é construída pelos povos africanos que vieram para o Brasil como escravos, mas que traçaram toda uma luta de independência e resistência política, cultural, religiosa e social, eles são os responsáveis pelas nossas influências nas línguas, costumes, traços físicos e comportamento.

Por meio das festas negras os africanos criaram possibilidade de reconhecimento de sua presença e de lutar contra as perseguições ou as interdições aos candomblés, jongs, maracatus e sambas, bandeiras de expressão pelo direito a um patrimônio construído nos tempos do cativeiro. E pelo reconhecimento de suas preferências musicais e religiosos. Os escravos eram em sua maioria alegres e criativos, cultivavam a prática da capoeira, do samba, afoxé, maracatu, congada, lundu etc. Todas são exemplos da influência africana na música brasileira que permanecem até os dias atuais. Vários instrumentos que utilizamos hoje, foram idealizados por eles, Instrumentos como o tambor, atabaque, cuíca, alguns tipos de flauta, marimba e o berimbau.

No aspecto religioso os africanos buscaram sempre manter suas tradições de acordo com os locais de onde haviam saído do continente africano. Entretanto, a necessidade de aderirem ao catolicismo levou diversos grupos de africanos a misturarem as religiões do continente africano com o cristianismo europeu, processo conhecido como sincretismo religioso.

Os africanos foram influenciadores da nossa língua e culinária. Palavras como Moleque, quiabo, fubá, caçula e angu. Cachaça, dengoso, quitute, berimbau e maracatu, são palavras do vocabulário brasileiro têm origem africana. E comidas como o vatapá, acarajé, pamonha, mugunzá, caruru, quiabo e chuchu. Temperos também foram trazidos

da África, como pimentas, o leite de coco e o azeite de dendê. Todas permitiram a difusão da influência africana na alimentação.

Para Mudança (2003), a identidade negra é vista como resultado do processo histórico de enfrentamento das opressões imposta pelo período escravocrata e que persistem mesmo após seu término. Diante do padrão exaltado pela mídia e outros meios de comunicação, onde o negro é inferiorizado e o padrão europeu é considerado “padrão de beleza a ser seguido, muitos quilombolas não valoriza aquilo que caracteriza as comunidades afro-brasileira. Ou seja, características biológicas como formato do nariz, cor da pele, textura do cabelo e outras características culturais é vista de forma negativa e desvalorizada, como se sua identidade fosse violada por carência de informação.

Já Gome(2005) considera que a identidade é um fator que estabelece a criação de redes de referências culturais dos grupos sociais. Não se trata de algo inato, mas da indicação de traços culturais que se expressam por meio de práticas linguísticas, festivas, rituais, alimentares e tradicionais cujas referências implicam o processo civilizatório marcante da condição humana em sociedade. Esse processo coletivo influencia no modo com os indivíduos enxergam a si mesmos e aos demais dentro do grupo e em relação a cada um e à coletividade.

Desta forma, podemos compreender a identidade étnica como um processo de autoconhecimento baseado no pertencimento a um grupo que expressa significados linguísticos e simbólicos socialmente contextualizados.

Nas últimas décadas, diversos segmentos da sociedade civil, movimentos sociais, órgãos governamentais e não governamentais têm-se mobilizado em torno do reconhecimento das comunidades remanescente de quilombo. Porém, muitas ainda lutam pelo direito às suas terras. É importante frisar que só a partir da Constituição Federal, de 1988, passou a reconhecer a legitimidade de posse e propriedade de terras consideradas quilombos.

A partir de 2003, outros decretos foram criados. Dentre eles podemos destacar:

- Decreto 4.883 de 20/11/2003: fica transferido do Ministério da Cultura para o Ministério do Desenvolvimento Agrário a competência para delimitação das terras remanescentes das comunidades dos quilombos; a determinação de suas demarcações.

- Decreto 4.887 de 20/11/2003: regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos de que trata o art.68 do Ato das Disposição Constitucionais Transitórias.

- Portaria nº6 da Fundação Cultural Palmares, de 01/03/2004: institui o Cadastro Geral de Remanescentes das comunidades de Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominados “ terras de Preto”, “Comunidades Negras”, “Mocambos”, “Quilombo”, dentre outras denominações congêneres.

- Zé Zé Instrução Normativa n.16 do INCRA de 24/05/2005: regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

LEITURA: ASPECTOS GERAIS

Considera-se a leitura como meio fundamental para receber informação visual na atualidade. Ainda com os crescentes adventos de novas vias de conhecimentos, ela ocupa uma posição dominante dentro dos currículos escolares, pois, constitui a base das demais disciplinas.

A função social da escola é garantir à aprendizagem de conteúdos e de habilidades necessárias a vida social. Escola formará cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de compreender a realidade em que vivem, preparados para participarem da vida econômica, social e política do país e aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, com menos desigualdade social, onde as pessoas possam viver com mais dignidade, além de desenvolver nos alunos competências no domínio dos conteúdos culturais básicos, da leitura, da escrita, das ciências, da arte e das letras. Outra função que se espera da escola, hoje, é que se preocupe em preparar o aluno para dar continuidade a seu processo de aprendizagem de forma independente, mesmo após deixar a escola. A tarefa do professor é desenvolver a capacidade de “aprender a aprender” de seus alunos.

Diante de tais considerações, cabe destacar que, para que esta proposta seja

viabilizada, como qualquer outra atividade, necessitará de uma base educacional, da qual trataremos da questão da formação básica da leitura ainda nos primeiros anos do ensino fundamental.

O perfil da educação brasileira apresentou significativas mudanças nas últimas décadas. Neste contexto, o ato de ler adquire uma nova concepção, ou seja, não cabe mais considerarmos o ato de ler como um simples processo de decodificar símbolos. É neste sentido que Luckesi (2003, p. 119) diz que a leitura só adquire sentido e significado quando refere à realidade. Para ele, “todo ser humano é capaz de ler e lê efetivamente.”

Antes de debruçarmos no universo da leitura, primeiramente cabe conceituarmos a palavra leitura que deriva do latim “lego/legere” e significa recolher, apanhar, captar com os olhos. Mas, no mundo globalizado em que vivemos, ela apresenta uma nova característica, algo que deve ser contextualizado, através da interação com o mundo utilizado as palavras. Daí que a leitura se torna uma prática social, pois possibilita questionar a realidade, compreender sua dinâmica e constrói significados e sua própria visão de mundo.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): “Ler é resposta de uma necessidade pessoal. É componente da educação que possibilita o entendimento daquilo que se lê. É a capacidade de empregar estratégias cognitivas e resolver o problema obtendo o sentido da leitura” (Brasil, 1997, p. 560).

É notório que hoje a leitura é a “porta de entrada” para a integração social e para o desenvolvimento das atividades de maneiras significativas e de solidariedade. Mas, em meio à crescente desigualdade social, injustiça e desrespeito aos direitos básicos do ser humano, a leitura infelizmente torna-se privilégio de poucos, o que contribui para a conservação das ideologias dominantes, camuflando as mazelas sociais. Neste sentido, Paulo Freire a considerava como objeto de libertação. Pois, o acesso a leitura possibilita o indivíduo assumir uma postura crítica diante dos acontecimentos sociais, deixando de ser um elemento passivo para ser ativo.

É natural o aumento de estudos e teses acerca do ensino da leitura em todo mundo. Segundo Hermida (2008, p. 171), isso se deve ao fato que “a leitura educa, redime, relaxa, o stress do dia a dia, acrescenta a pessoa e a alma, permite cumprir com os deveres e

direitos de Cidadão e naturalmente navegar entre ambas múltiplas ações”. Nesse sentido, a leitura e escrita também devem ser dinamizados e ensinados em atividades que envolvem informática/internet. Assim, favorecendo a inclusão digital e acompanhando o crescente aumento de textos e livros na rede mundial em bibliotecas virtuais.

A literatura geralmente adquire um conceito ambíguo, pois associa-se os textos à ação de ler e os métodos empregados no ensino da língua materna. Mas, deve-se ressaltar que leitura consiste em uma atividade verbal de decodificação do texto escrito. Então, a leitura precisa ser vista sob duas perspectivas: “Uma como fim em si mesmo, e a outra, como meio” (Hermida, 2008, p. 174). Referente o fim em si mesmo “aborda a habilidade leitura em processo de construção”. Já a leitura do meio, procura “obter competência discursiva no desenvolvimento das atividades verbais”.

O enfoque maior na leitura baseia-se em criar as habilidades generalizadas de entender, compreender e interpretar. O aluno deve *entender* para reconhecer os significados liberais do texto, ou seja, codificar as unidades textuais. Posteriormente de *compreender* o texto, isso ocorre, no processo de decodificar e captar literalmente o significado das palavras e frases. E por último a habilidade de *interpretar*, que é buscar no texto significados em suas interquartis.

Outro entendimento é abordado por é Kleiman (2001, p. 13) quando confirma que:

O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas como resolver problema, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto.

Portanto, é necessário ter conhecimento desse processo para poder trabalhar com ensino da leitura, e principalmente compreender seu caráter multifacetado, que precisa ser lapidado e planejado continuamente. A leitura é considerada um processo interativo ela não se limita a análise de unidades, mas trabalha com hipótese para chegar uma compreensão uma relação de leitor e autor.

A leitura é considerada fonte de entretencimento, desempenhando um papel importantíssimo na obtenção de informação, sendo uma atividade prazerosa e desafiadora. Sendo assim, é fundamental na vida do cidadão, pois “[...] amplia e integra conhecimento” (Ruiz, 2002, p. 35). O hábito de leitura, além de favorecer o sucesso na

carreira profissional e nas atividades na sociedade atual, então, deve-se ler para aprender, entender e internalizar o que se leu.

Por ser uma prática pouco trabalhada em sala de aula, sendo resumida apenas no ato de ler, é esquecida a necessidade de trabalhar como “fazer sentir” o deleite por essa prática, pois, este exercício exige intenção, atenção e reflexão acerca do que se ler. Esta atividade também implica indagar e captar símbolos e sinais sendo fonte de formação cultural, e faz muito bem para mente. Além de subsidiar conceito e entendimento da realidade.

Segundo Bamberger (2008, p. 10): “A leitura foi outrora simplesmente um meio de receber uma mensagem importante. Hoje em dia, porém a pesquisa nesse campo define o ato de ler em si mesmo, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto.”

Diante de tal afirmativa, a leitura assume um caráter exemplar na aprendizagem e um meio eficaz de desenvolver sistematicamente a personalidade e a linguagem em geral do ser humano. É neste sentido que, as autoridades do Estado, pais, escola comunidade e pedagogos precisam está seriamente envolvido e conscientes da importância da leitura no sucesso individual e social do cidadão.

Barberger (2008, p. 9) diz que: “O direito de ler significa igualmente o de desenvolvimento das potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.” Conforme as teses da neurociência para ler o ser humano dependem de atividade do cérebro para armazenamento de informações. Portanto, seu cognitivo também contribuirá no aprendizado de uma boa leitura, na qual, possamos confrontar de forma crítica as ideias do autor.

FATORES QUE INFLUENCIAM NA AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NO QUULOMBO BOA HORA

Em todo processo de aquisição de uma identidade, são variados e significantes fatores que influenciam, dentre eles podemos destacar: A família, a escola e a comunidade. Os quais debruçaremos cada um a seguir.

a) Família

Ao nascer, o primeiro ambiente de interação de indivíduo é o meio familiar. Além do mais, são os pais “apresentam” todo o contexto do mundo exterior ao seu filho, assim, vivenciam os momentos mais significantes de sua vida e aprendendo valores éticos. É neste sentido, que a família é de suma importância na contribuição da formação de um cidadão consciente e que compreensão da realidade.

Conforme a Lei de Diretrizes e Base (LDB), nº 9.394/96:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o processo de desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brandão, 2007, p. 19).

Percebemos, então, o valor da família na personalidade da criança, dando base e virtudes como: o respeito, situação e solidariedade. Considerando que Freud afirmava que essa formação começa bem cedo e que os pais têm a tarefa de conduzi-los em busca da formação cidadão. Sua relevância, não se deve apenas ao fato dela ser a intuição mais antiga de saberes. Mas, o fato de a mesma ter um papel extremo na apresentação das primeiras letras e proporcionalmente as mais diversas aprendizagens, sendo um modelo a ser seguido pelos seus filhos.

b) Escola

Depois do ambiente familiar, o indivíduo passara a frequentar uma escola. Sendo esta, essencial para apropriação de conhecimentos sistemáticos. Diante das mudanças mundiais a educação brasileira tem-se a necessidade de mudar. Na conjuntura atual, não cabe mais a escola sustentar um ensino tradicional, na busca pela qualidade ela deve flexibilizar, mobiliza-se, e socializar com o meio. Só assim, ela respeitara e valorizara o sujeito em sua particularidade. Hoje não é permitido ensinar só o que a cultura dominante impõe, devem ensinar com práticas contextualizadas e conteúdo de relevância social.

É preciso organizar as situações para incentivar e valorizar sua identidade e despertar o desejo pela cultura diferente da sua. Para isso, é preciso variar os para a leitura, aliado ao um trabalho didático multicultural, de entendimento da diversidade cultural do Brasil e utilizando elementos valorativos para desmitificar ideologias dominantes.

A escola deve oferecer conteúdo que leve o aluno a compreender o papel do legado histórico africano na identidade étnico-racial da população negra no Brasil e entender as contribuições africanas a partir da língua, das religiões, da arte, culinária e organização popular.

Tais considerações apontam que um sério desafio da escola é fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Até porque “a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem”. Com esse fato é preocupante o alargamento número de analfabetos brasileiros existentes, é mais preocupante ainda é o ciclo de formação de analfabetos funcionais que não sabem usar a leitura de forma autônoma e a escrita nas práticas sociais, e está realidade afeta mais a população de baixa renda e negros. Algo está errado no ensino da leitura, é preciso ser corrigido urgentemente, e oferecer uma base de qualidade que resulte na valorização da cultura da sua comunidade e principalmente trabalhar os aspectos de desconstrução de preconceito e fortalecimento e preservação da cultura.

É importante o entendimento por parte da escola que deve-se trabalhar a história da comunidade, as tradições para que elas não se acabem. Pois se os mais idosos morrerem, as futuras gerações não geram como aprender.

Uma cultura escolar e estrutura social que reforcem o empoderamento de diferentes grupos: promove um processo de reestruturação da cultura e organização da escola, para que os alunos de diversos grupos étnicos, raciais e sociais possam experimentar a equidade educacional e o reforço de seu poder na escola (Candau, 2005, p. 27).

Para esta visão, a escola cumprir seu papel de oferecer um ensino igualitário e de currículo diversificado, ela precisa a integração dos conteúdos vindo de outras culturas e uma adoção de uma pedagogia de equidade que atenda as particularidade dos grupos étnicos. Desta forma, ela precisa garantir ao professor materiais didáticos para propagar valores de equidade e combater atitudes de discriminação. Ou seja, reconhecer as diferenças e diversidade cultural, afim de contribuir para reconstrução de uma educação intercultural e para uma sociedade mais justa, plural e verdadeiramente igualitária.

c) Comunidade

A comunidade torna-se um agente de grande importância na afirmação da cultura quilombola, já que de acordo com a teoria sociointeracionista, aprendizado ocorre com a interação com o meio. Portanto, em nosso cotidiano vivemos em constantes interações e todo este aparato de informações é que podemos chamar de conhecimento prévio. Tais conhecimentos são de grande relevância e que deve ser incorporado no currículo escolar para construir novos saberes e ser incorporado no currículo escolar, onde a comunidade deve ser agente participativo e contribuir para preservação dos costumes e formação dos educandos.

Utilizará da realidade e cultura da comunidade, para subsidiar no trabalho de aquisição e valorização da identidade. Não só através de leitura de livros, mas a leitura de mundo, fazendo de forma crítica e participativa, ou seja, possibilitando uma visão crítica dos acontecimentos.

Para isso, é preciso também aumentar o nível de escolaridade dos moradores e incentivar a luta contra qualquer forma de exclusão e violência e combate ao racismo. Para Candau (2005, p. 20) “ A afirmação só outros como sujeito plenos de uma marca cultural parte de uma concepção de cultura em que esta representa a comunidade homogênea de crenças e estilos de vida” e completa que “A radicalização dessa visão encerraria a alteridade na pura diferença”. Ou seja, é preciso conscientizar dos seus direitos para buscar sua efetivação através de políticas afirmativas que discutam junto com a comunidade mais melhoria, maior qualidade de vida, educação de qualidade, saúde etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão, levou-nos à reflexão sobre o quilombo, leitura e afirmação da identidade. O contexto político de marginalização da população negra levou este legado cultural fosse alvo de preconceito e para manter a escravidão e justificar sua situação de subalterno foram criadas visões errôneas sobre a África e todos os elementos cultuados por eles. Por isso, é fundamental uma visão inovadora que supere o racismo.

No presente momento, é notória a percepção que muito se avançou no

reconhecimento das comunidades quilombola, porém, há a clareza que muito ainda temos que avançar. Pois existe uma multiplicidade de desafios a serem enfrentados neste campo, sendo que a prática do racismo é cada vez mais crescente, levando o negro ter preconceito por si mesmo, pois sua identidade consiste hoje em uma temática que engloba uma série de fatores, de ordem social, econômico e principalmente de políticas públicas.

Sabe-se que todo cidadão tem direito de aprender a ler, como meio de ampliar seus conhecimentos, porém, este ensino deve ser reformulado e dissociado dos moldes tradicionais e livresco. Sendo assim, para uma educação inovadora é necessário conectar os conteúdos de leitura com a realidade do educando, atendendo assim, suas particularidades e respeitar sua cultura. Além de proporcionar mecanismo de leitura de forma prazerosa, dinâmica, lúdica, autônomo, libertadora e emancipadora.

Procurou-se buscar alguns subsídios que enfatizam a real importância da afirmação da identidade quilombola por meio da leitura e como objeto facilitador na comunicação do homem com o mundo. Até porque toda qualidade distinta de cada pessoa consideramos identidade, ou seja, é importante que haja então o respeito pelo nossos ancestrais, pois muito a eles devemos a nossa existência enquanto dotado de simpatia, capacidade e inteligência.

Portanto, constata-se que é crucial valorizar sua cultura, para tanto, é necessário conhecer suas raízes culturais, afim de, entender que as diferenças são resultado da miscigenação dos povos vindo para Brasil. Desta forma, a família, a escola, o professor e sociedade como agentes sociais deve contribuir formação de gerações esclarecidas e que lutam para combater as manifestações de preconceito e práticas de discriminação, que acaba afetando a autoestima e a construção positiva da autoimagem dos negros.

Não podemos deixar de frisar, que a escola é um espaço estratégico e ideal para discussão e elucidações sobre a afirmação da identidade, a comunidade precisa reconhecer a importância dos estudos na vida da futura geração, sendo imprescindível que se trabalhe os aspectos de desconstrução de preconceito e fortalecimento e preservação da cultura. E a leitura é um elemento fundamental para reverter a situação em que o negro não se sente capaz ou acha que não tem potencial para lutar por uma democracia racial. Acredita-se que a leitura o estimulará a sair do papel de figurante para

rejeitar toda forma de alienação e de informações falsas que exalta o embranquecimento, levando vários jovens a abandonarem os estudos por falta de perspectiva de vida e trilhar cominhos errados.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1988.
- BRANDÃO, Carlos. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Avercamp. São Paulo, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CRAMER, Eugene H. **Incentivo o amor a literatura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- HERMIDA, Jorge (org). **Educação infantil: políticas e fundamentos**. Pernambuco: editora UFPE, 2008.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10. ed. São Paulo: Pontes, 2001.
- LUCHESI, C. C. (et. al.) **Universidade: uma proposta metodológica**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. ed. São Paulo: atlas, 2002.
- CANDAU, Vera Maria (org). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pos-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- BERND, Zilá. **O que é negritude**. Editora Brasiliense, 1988.
- CUTI. **Quem tem medo da palavra negro**. Mazza edições.
- FREITAS, Décio. **Palmares, a guerra dos escravos**. Porto alegre: Movimento, 2010.
- GOMES, Nilda Lino. **Alguns Termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: MEC. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.630/03 Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Negro e o Congresso Brasileiro**. In: MUNANGA, Kabengele (Org). O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição. BRASÍLIA: Fundação Cultural Palmares. MINC, V.1, 2004.
- THEODORO, Mário (org.). **As políticas públicas e a desigualdade raciais no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipeia, 2008.

BARBOSA, Paulo Corrêa. **Minas dos Quilombos**. Brasília: MEC/SECAD, 2008.

BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira**, Livro 2- João Pessoa, editora Gradset, 2006.

Submissão: março de 2025. Aceite: abril de 2025. Publicação: junho de 2025.